



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

Viva e falante

Ou pelo menos uma ótima ouvinte. A estátua viva de anjo, que pode ser vista frequentemente na Esquina Democrática, no Centro Histórico, parece estar dando toda atenção para o que um popular fala. Talvez ele tenha perguntado qual o segredo para ficar imóvel durante um bom tempo, e resistindo aos moleques que a tocam para ver como reage ou como fazer para voar para o céu. Ser estátua viva é uma profissão muito trabalhosa.

TÂNIA MEINERZ



Um País selvagem

Em todas as eleições presidenciais é costume dizer que desta vez ela é a mais importante de todas as versões anteriores, e esta não escapa à regra. Para além do aspecto ideológico, a eleição deste ano precisa ter no comando alguém que não ache certo que empresas e pessoas precisem trabalhar cinco meses por ano só para pagar impostos. Podem falar bem da reforma tributária quanto quiserem, uma espécie de Síndrome de Estocolmo, em que a vítima se apaixona pelo algoz, mas um carga dessas com contrapartida pífia é um acinte. Com estes impostos não era nem para ter favelas.

As dores do empresariado

Do pré-candidato a Presidência da República Romeu Zema (Novo), em palestra na CIC Caxias do Sul: “Sempre fui empresário, saí da empresa em outubro de 2016”. Ao relatar a complexidade de empreender no País, afirmou: “Metade do meu tempo eu dediquei para entender a tributação. Então, eu sei muito bem, acho que melhor que qualquer outro pré-candidato, as dores do setor privado (...) O Brasil conseguiu criar, me parece que nesses últimos anos, a ideia de que ser empresário é algo semelhante a ser criminoso”.

De M para M

A Receita enviou à CPI do Crime Organizado um dado que é embaraçoso para a família Moraes. O Banco Master enviou R\$ 80 milhões ao escritório Viviane Barci de Moraes entre 2024 e 2025. Pelo menos o ministro Alexandre de Moraes não participou de julgamentos envolvendo o banco de Daniel Vorcaro.

Um gringo quieto

“Comecei a minha vida política em 1976, como vereador de Caxias do Sul. Depois de transmitir o cargo de governador do Estado, não concedi entrevistas e raramente falo em público”. A afirmação foi feita ontem por José Ivo Sartori (MDB), na abertura do seminário alusivo aos dez anos da RS Prev. Sartori também foi prefeito, deputado estadual e federal, secretário de Estado, além de governador (2015-2019). Exceção de quem já teve poder, mas depois vive dando pitaco e fazendo críticas. Regra na política brasileira.

Agulha comestível

Uma novidade na gastronomia do Shopping Total, a Rádio Agulha, nos túneis junto à chaminé. Pratos fixos bem variados, além de um prato especial a cada semana, acompanhado de bebidas autorais (como as sodas nativas e os chás gelados da casa) e trilha sonora como o nome promete.

Crédito para investidores

Use suas aplicações para obter crédito e mantenha sua estratégia intacta.

Fale com seu gerente ou abra sua conta.



Ofertas ajustadas ao valor aplicado e à sua capacidade de pagamento

Prazo de até 120 meses

Taxas a partir de 0,29% a.m. + CDI

*Sujeito à análise de crédito

Sicredi | Sicredi Origens RS

HISTORINHA DE SEXTA

O que será que os pobres comem?

Posso responder essa pergunta com a mesma precisão de 60 anos atrás, pelo menos no Centro de Porto Alegre, especialmente na volta do Mercado Público e nos cafés e bancas do abrigo dos bondes na rua José Montauray, Voluntários da Pátria e algures. A gente sempre lembra das comidinhas da classe média, mas esquece deles. Como pobres me refiro ao que chamamos de classe C com viés de D.

Posso garantir que comiam muito melhor que hoje, em termos de saúde. Não tinha comida porcária. O prato de resistência era o completo, o famoso PF. Feijão, arroz, massa ou batata, carne e uma saladinha. Verdade que a carne era dura – porque cara, mas um guisado sempre saía. Uma década depois, foi feito um raio-X de comidas populares, do ponto de vista nutricional, e a conclusão foi que o completo era uma ótima refeição. Proteína animal, vegetal, carboidratos e verde com tomate.

Uma carne relativamente comum nesse PF era o tatu, que dependendo do cozimento (pouca água, sendo despejada aos poucos para não cobrir a peça, para ficar macia), quem trabalhasse no Centro ou em empresa longe de casa, trazia na marmita, que hoje mudou de nome para quentinha.

O suculento mocotó na volta do Mercado era religião em dias frios. Também se viam pessoas comendo sardinha de lata, amassadas com garfo e enriquecidas com cebola picada. Com pão e um tiquinho de vinagre, posso garantir que é um belo manjar. Cachorro-quente não era comida de operário, tinha que ter “sustância”. Para pelados como eu, o cachorro do Matheus, na Rua da Praia, era coisa muy buena. Mas não era considerado refeição, era lanche, ao contrário de hoje, onde botam de tudo como estratégia para esconder salsicha de lecitina de soja ou carnes estranhas.

Nos cafés, que hoje chamamos lancherias, o pastel era comum, mas poucos eram bons. A carne era “do Lavoisier,” o químico francês que provou que na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Mesmo princípio do croquete, do qual tenho enormes saudades, especialmente o da finada Caverna do Rato.

Nas bancas do abrigo dos bondes era comum batida de frutas com leite, que em outros estados se chama vitamina. A mais barata era a de banana, depois vinham as de abacate, mamão e maçã. Pastel era comido com caldo de cana, e para quebrar o doce exagerado vinha junto um copinho de suco de limão. Doces variados completavam a dieta, mas um deles em especial me alimentou em dias de escassa grana. Chamava-se mata-fome, uma espécie de Eucatex feito de sobras de doces de padaria. Um tijolo compacto de cor escura, que cumpria o que o nome prometia.

Não tinha cartão, amizade, era só na grana pura. Cheque só rico passava, e parte sem fundo. Desse mal pobre não padecia. Refrigerante não era comum na adega do pobre, mas bebia-se mate gelado no Centro, vendido nas ruas por carrocinhas, em recipiente de alumínio com copo em forma de funil bem largo em cima. Muito boa essa bebidinha, especialmente em dias de canícula senegalesca.

Fecho esse menu com outro hábito comum naqueles tempos de amarrar cachorro com linguça e alimentar burro com pão de ló: salada de frutas. Devo dizer que delas não tenho saudades, porque eram aguadas e com pouca fruta, a maioria era banana, sempre barata. Certa vez fui na Estação Rodoviária, que ficava na esquina com a Júlio de Castilhos, e pedi uma. Como era hábito, guardada naqueles vidros enormes. Só vi banana boiando. Mesmo assim, falei alto para todos ouvirem:

- Me dá uma salada de banana!

Acho que o dono do pedaço devia ter brigado com a patroa naquele dia, porque saiu de trás do balcão com brilho assassino no olhar, disposto a me matar. Veio com tudo o gordo alto, vestindo bíceps mostrados em camiseta sem mangas. Como escapei da destruição, aí já é outra história.